

82.09

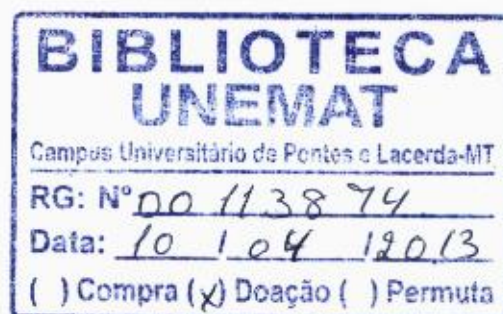
V 136C

C92464372

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

DAIANE NASCIMENTO MACHADO VALADÃO

CORREIO FEMININO: UMA PERFORMANCE DE MULHER



Pontes e Lacerda – MT

2012/1

DAIANE NASCIMENTO MACHADO VALADÃO

CORREIO FEMININO: UMA PERFORMANCE DE MULHER

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da
UNEMAT - *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciada em Letras.

Orientadora – Prof.^a Ms. : Gislei Martins de Souza

Pontes e Lacerda – MT

2012/1

DAIANE NASCIMENTO MACHADO VALADÃO

CORREIO FEMININO: UMA PERFORMANCE DE MULHER

BANCA EXAMINADORA

Prof.ºMs Gislei Martins de Souza

Orientadora

Departamento de Letras – UNEMAT/ Pontes e Lacerda-MT

Prof.ª Dr.ªMadalena Machado

Departamento de Letras – UNEMAT/ Pontes e Lacerda-MT

Prof. Dr.º Élvio Moraes

Departamento de Letras – UNEMAT/ Pontes e Lacerda-MT

Prof.ª Dr.ª Rosely A. Romanelli

Coordenadora TCC

Departamento de Letras – UNEMAT/ Pontes e Lacerda-MT

Julho/2012

Agradecimentos

Sou extremamente agradecida à Deus por dar-me a vida e propiciar-me mais este momento de realização.

Agradeço à professora Gislei M. de Souza pela paciência e dedicação com que tem me orientado durante esta trajetória.

Agradeço à minha família que me incentivou a continuar esta caminhada.

Agradeço a todos meus colegas de curso pelos momentos compartilhados, felizes ou triste, permanecendo sempre as lembranças.

Enfim todas as pessoas direto ou indiretamente que me apoiaram para que eu chegasse até aqui e realizasse este grande sonho.

.. a todos o meu muito OBRIGADA.

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu esposo: Wanderson por compreender minha ausência e me apoiar na trajetória de conhecimento que empreendi ao entrar na universidade.

“A mão que embala o ensinar e a mente que aceita o aprender, escrevem o destino de uma nação e constroem pessoas melhores a cada momento”
(Cezar Romão).



“Não quero ter a terrível limitação de quem vive apenas do que é passível de fazer sentido. Eu não: quero uma verdade inventada.” (Clarice Lispector)

Resumo: O *Correio Feminino* (2006), de Clarice Lispector, é uma coletânea de crônicas com temas que giram em torno do universo da mulher na modernidade. A partir de assuntos considerados frívolos, a cronista aponta para o crescimento da mulher no instante em que esta ultrapassa os liames da futilidade e busca o esclarecimento. Baseamos nossa pesquisa em perspectivas que consideram a posição do narrador em âmbito narrativo (Adorno, 2003; Benjamin, 1994), como também em abordagens que focalizam a identidade moderna. Sendo assim, cremos que *Correio Feminino* configura estratégias narrativas que supõe que a mulher deve deixar de lado as futilidades cotidianas e conquistar o mundo moderno. Isso porque Lispector emprega uma linguagem simples na tentativa de seduzir a leitora, estimulando mudanças em sua forma de agir e pensar.

Palavras - chave: narrador/leitor; identidade; *Correio Feminino*.

Sumário

Introdução.....	10
1- <i>I Coluna: Uma conversa entre amigas? Cenas para além das futilidades</i>	12
2- <i>II coluna: Amiga leitora: Armadilhas e seduções narrativas</i>	22
3- <i>III Coluna: Jogos de identidade ou perfis de mulher?</i>	32
Considerações Finais.....	38
Referências Bibliográficas.....	40

Introdução

O *Correio Feminino* (2006), de Clarice Lispector, é um espaço de conversa simples em que a colunista aconselha as mulheres a realizarem uma travessia do mundo relacionado às futilidades cotidianas para o moderno. Para tanto, a colunista leva o ser feminino a buscar sua subjetividade, momento pelo qual a mulher será capaz de romper com as idéias e formas de agir enraizadas numa visão tradicional e conservadora, quebrando os conceitos cristalizados sobre o papel da mulher na sociedade. Em outras palavras, salientamos que Clarice Lispector revela a vida às suas leitoras, apontando para questões corriqueiras e, até mesmo, banais, tão presentes no contexto feminino, mas que passam por despercebido, justamente por serem consideradas como futilidade. Contudo, a colunista atenta para estas questões pelo viés de que compreender as futilidades é ter a possibilidade de ultrapassá-las e alcançar um novo lugar na sociedade.

A colunista faz um resgate de tradições conservadoras – que por sua vez colocam a mulher como mãe, esposa e dona de casa – a partir de uma roupagem diferente. Dessa forma, as crônicas contribuem para que a mulher reflita sobre seu papel na sociedade com prudência e astúcia. De modo que as funções desempenhadas pela mulher possam ser frutos de uma escolha e não algo imposto pelo meio social que repete um ciclo tradicionalista. Lispector incita a mulher para uma reflexão sobre a diferença de gênero e a forma como o ser feminino deve se lançar na sociedade e para que o ingresso no mundo do trabalho não desencadeie uma desconstrução de sua feminilidade, embrutecendo seus gestos, atitudes e formas de pensar. De forma bastante intimista, a autora busca fortalecer a identidade da mulher, desnaturalizando-a das regras e normas sociais, para lançá-la num universo em que possa ter direito à liberdade e se colocar de forma efetiva no curso da história como protagonista da própria vida.

Assim, a narradora das crônicas clariceanas busca convencer a leitora para que ela consiga ultrapassar as fronteiras do mundo alienado e caminhar rumo à sua emancipação. Exercendo um efeito tutelar, a narradora assume diferentes posições para conseguir abarcar o comportamento feminino. Nas crônicas não existe apenas um perfil de mulher, visto que Clarice Lispector pensou um ser feminino multifacetado. Neste sentido, podemos considerar que a autora lançou mão de técnicas narrativas para a construção de uma identidade feminina que se subjetiva para alcançar o conhecimento de si, das coisas e do mundo, podendo se inserir na modernidade de forma emancipada.

Organizamos nosso trabalho em três capítulos que se complementam. Assim, no capítulo *Uma conversa entre amigas? Cenas para além das futilidades...* tomamos como norte as

estratégias narrativas utilizadas pela narradora de *Correio Feminino* na sedução da suposta leitora para fazer com que esta consiga lidar com as futilidades e alcançar a liberdade se inserindo no espaço moderno de forma efetiva. Para subsidiar esse estudo, dentre outros pensadores, tomamos como suporte Antonio Candido (1992), Berta Waldman (1992), Couto (2010), para que assim nossos pressupostos possam se sustentar em bases sólidas e contundentes.

Em *Amiga leitora: Armadilhas e seduições narrativas* procuramos compreender de que forma a narradora se posiciona em relação à suposta leitora. A narradora se posiciona de diversas maneiras dentro das crônicas no intuito de “buscar” a mulher e trazê-la para a realidade moderna. Temos assim uma narradora que transita entre a figura clássica, jornalística e contemporânea. Sendo este um fator de extrema importância para manter um diálogo com um ser feminino multifacetado. Enfim, a narradora se coloca no lugar da leitora a fim de trazê-la para dentro da crônica, discutindo, assim, o lugar da subjetividade. Para tanto, traçamos este estudo pautadas na perspectiva crítica de Adorno e Horkheimer (2008), Walter Benjamin (1994), Flora Süssekind (1993), dentre outros.

Já no capítulo *Jogos de identidade ou perfis de mulher?* Traz para discussão o imaginário de mulher criado pela narradora das crônicas clariceanas, apontando para uma identidade feminina despedida das armadilhas que possam mascarar sua verdadeira essência. Centramo-nos nas considerações de Couto e Pecini (2010), Deleuze (1998), Adorno (1985), para que possamos entender como Lispector delineia os diferentes perfis assumidos pela mulher na sociedade.

Ao percorrermos esse trajeto, pretendemos construir criticamente uma visão acerca das crônicas presentes em *Correio Feminino* e o modo pelo qual a mulher é pensada pela narradora e levada a buscar o autoconhecimento; um caminho que aponta para a emancipação feminina.

I COLUNA

Uma conversa entre amigas? Cenas para além das futilidades...

Este trabalho investiga a coletânea de crônicas intitulada *Correio Feminino* (2006), de Clarice Lispector, cuja temática gira em torno do universo da mulher moderna, construindo um mosaico narrativo que resvala o tom de conversa íntima, afetiva e eloquente, na medida em que traz conselhos, receitas e segredos, pequenos textos sobre comer, vestir-se, o enfeitar-se, dentre outros. Tal estratégia de escrita literária permite à leitora refletir sobre duas realidades em que se estrutura a sociedade, como diz, Aparecida Maria Nunes “O mundo das simulações e o da verdadeira natureza das coisas” (2006, p. 2).

O *Correio Feminino* surgiu, através, de um convite, feito pelo cronista Rubem Braga da revista *Comício*, em 1952 à Clarice Lispector, uma escritora consagrada e conhecida pela imprensa carioca em função dos inúmeros trabalhos já realizados a este meio de comunicação. No intuito de preservar sua verdadeira identidade, Lispector usava alguns pseudônimos, tais como: Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares para assinar suas crônicas, sejam na revista ou no jornal.

As crônicas de Lispector foram de grande importância para o público feminino, visto que o país passava por diversas transformações, em especial no meio político, com a construção de Brasília idealizada pelo então presidente Juscelino Kubitschek. O objetivo de Lispector era justamente tornar menos complicado o universo feminino, com assuntos que interessavam à mulher, para que esta pudesse, além de ser leitora, ser mulher diante de todas as transformações que apontavam na época.

Clarice Lispector é conhecida como uma das mais significativas escritoras da literatura brasileira. Suas produções alcançaram não só o campo da atividade literária, mas ainda tiveram participação efetiva no meio jornalístico. Reunidas sob o título de *Correio Feminino*, as crônicas clariceanas têm a possibilidade de manter um diálogo com as mulheres de sua época que ainda viviam em uma sociedade norteadas por valores burgueses ao mesmo tempo em que patriarcais. As mulheres começavam a se inserir no universo social, o que interfere na rotina de sua condição de dona-de-casa.

A escrita das crônicas está direcionada às mulheres e, mais especificamente, às que se interessavam por assuntos corriqueiros, portanto simplifica a linguagem, que projeta uma proximidade entre cronista e suposta leitora. Lispector escreve as crônicas como se estivesse falando pessoalmente com a leitora, sem preocupação com formalidades. Vejamos: “É bom queixar-se, Mas quando o feitiço vira contra o feiticeiro? Isto é, você começa por exagerar um pouquinho aqui, um pouquinho ali – porque vê que não está impressionando tanto, e quer conseguir a compreensão que merece” (LISPECTOR, 2006, p.128).

O alerta nesse fragmento é para que a estratégia do “queixar-se” não se torne algo exagerado, como coloca, “o feitiço pode virar contra o feiticeiro” e ao invés de impressionar o homem amado, pode afastá-lo ainda mais. Observamos, neste sentido, a atitude da narradora em chamar a atenção da mulher para sair desse universo de queixas e adquirir uma nova postura frente às futilidades que permeiam o contexto feminino. Assim, a narradora aponta para uma nova identidade, para que a mulher seja mais esclarecida a ponto de não deixar que as pequenas coisas diárias aniquilem o casamento.

Diante disto, a narradora alude para o comportamento feminino no sentido de criar uma imagem sensível e forte da mulher para que esta não perca a essência feminina. Ao mesmo tempo a crônica trás que a mulher não deve se render aos dissabores capazes de desestruturar a vida a dois, configurando, deste modo, a ideia de ela não perder a compostura seja qual for a situação. Por este viés, Clarice Lispector, por meio de uma rotina que se repete nos lares de muitas mulheres, discute algo tão trivial capaz de esfacelar muitos relacionamentos. Numa linguagem simples e corriqueira, as crônicas clariceanas unem assuntos que interessam ao universo feminino com informações e conselhos sobre a vida e o comportamento da mulher. Neste aspecto, Lispector aponta para a emancipação feminina no instante em que esta começa a lidar de forma diferenciada e moderna, com os assuntos considerados triviais ou até mesmo banais.

Antonio Candido (1992) propõe que no Brasil onde havia o costume de buscar a superioridade intelectual e literária, a crônica conseguiu milagres de simplificação e naturalidade: “o seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca da oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo” (p.16).

A crônica, ao apresentar uma linguagem mais leve e supostamente descompromissada, faz com que o leitor se aproxime do texto. O *Correio Feminino* não se faz necessária a leitura contínua, pois as crônicas por terem sido publicadas inicialmente em jornais de grande circulação (Diário da noite, Correio da manhã, Comício) trazem um formato descontínuo, próprio da situação vivida pela mulher moderna. Lispector escreve as crônicas presentes em *Correio Feminino* sob pseudônimos distintos (Tereza Quadros, para o jornal *Comício* em 1952; Helen Palmer, para o *Correio da Manhã* em 1959 e Ilka Soares, para o *Diário da Noite* em 1960) por razões de cunho profissional e pessoal: “Por meio de assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia” (CANDIDO, 1968, p.13).

Candido se refere às crônicas em geral, mas percebemos certa afinidade com as crônicas do *Correio Feminino*, pois estas trazem temáticas que são aparentemente soltas, mas que pensadas em conjunto produzem o imaginário necessário para o ingresso da mulher em sua participação ativa na sociedade moderna:

“Cultive sua boa aparência: A boa aparência faz com que a pessoa sinta mais feliz e com um sentimento de segurança que muito ajudará na vida” (LISPECTOR, 2006, p.19). As roupas e o tipo: Muito se tem dito a respeito das roupas. “O hábito faz o monge”, é um provérbio muito antigo e bastante verdadeiro... Ela precisará mudar sim, mas não as roupas, mas o seu eu, seu procedimento, seu modo de sentir as coisas (LISPECTOR, 2006, p. 25).

Neste fragmento, a narradora problematiza certas futilidades que ainda norteiam o universo feminino, mas, por trás disso, percebemos um deslocamento para a constituição de um posicionamento por parte da mulher perante a sociedade em que vive. Além disso, na leitura, que fizemos de uma parcela das obras de Lispector, notamos que o trivial constitui o lugar no qual a maioria das personagens romanescas de Clarice Lispector tem a possibilidade de conhecer a Alteridade, o que de certa forma constitui a base da ficção clariceana.

As crônicas de Lispector incitam mudanças no modo de agir e pensar feminino, que, por sua vez, se dão pelo viés de uma tentativa de emancipação e figuração da mulher moderna. Ser moderna, neste contexto, está muito além de saber lidar com o mundo doméstico, já que é, antes de tudo, empreender uma viagem dentro de si e buscar uma via que leve ao domínio do próprio ser. Daquilo que norteia o universo feminino pelo prisma do comportamento revelado por uma condição interior. É preciso conhecer-se para depois conhecer o outro e o mundo. Essa busca do conhecimento feminino não está nas coisas grandiosas, mas naquilo que muitas vezes passa por despercebido aos olhos. Isso pode estar relacionado justamente ao deslumbramento do ser feminino pelo universo de novidades que se lançavam no mercado por volta de 1960.

No início da década de 60, a mulher se vê deslumbrada com os variados produtos e eletrodomésticos que surgiram no mercado. Mas a tarefa da imprensa feminina não era a atualização, e sim tratar de assuntos que se repetiam nos lares e na vida de muitas mulheres, para que fossem capazes de lidar, de forma simples e descomplicada, com as coisas corriqueiras. A narrativa clariceana, supõe necessário aconselhar as mulheres sobre como tornar seu dia mais prático e funcional: “nas páginas da coluna feminina, a mulher se encontra a voz experiente de alguém que conhece os segredos do que é ser mulher e do caminho da felicidade” (Nunes, 2006, p.11).

Por meio das futilidades trazidas nas crônicas de *Correio Feminino*, acreditamos que as leitoras tentam se encontrar, conhecer o mundo e a si mesmas, fazendo disso algo útil para seu dia-a-dia, que pode revelar sua personalidade ou mascarar-la. Quanto a isso, Leyla Perrone-Moisés s\ d afirma que as personagens clariceanas passam a questionar sua personalidade no momento de um encontro súbito com o trivial e, nesse instante, elas se reconhecem paradoxalmente com o presente, passado e futuro, encontrando-se ao mesmo tempo privadas de espaço e tempo. O *Correio Feminino* traz um retrato da mulher que tenta se transformar no espaço de trivialidade e de

acontecimentos do cotidiano. Em suma, podemos salientar que ocorre um encontro da mulher com ela mesma, pois esta começa a se ver espelhada nas ações das crônicas clariceanas, cujos acontecimentos e comportamentos se alimentam do próprio universo cotidiano da mulher. Por meio das crônicas, Lispector reconta a vida de muitas mulheres e dá conselhos para que esta se torne simples e descomplicada.

A linguagem utilizada por Lispector pode ser considerada como uma estratégia de aproximação da mulher às crônicas para então discutir questões tão presentes na vida moderna. Ao tratar do universo cotidiano, Clarice Lispector discute a emancipação da mulher em contraponto ao aspecto tutelar que permeia o contexto feminino, de modo a questionar as normas e regras que são impostas pela sociedade. Podemos observar esse sentimento de falta que norteia a figura da mulher no *Correio Feminino*, ao se deparar com questões relacionadas à vida moderna:

Uma mulher esclarecida não é como algumas que querem fazer crer, e muitos homens sabidos teimam em convencê-las, uma mulher sem escrúpulos e sem preconceitos, pois para viver como parte da sociedade toda tem de seguir as leis dessa sociedade, toda criatura tem de seguir as leis dessa sociedade, que ache certas ou erradas. Digo-lhes que “esclarecida” é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual (LISPECTOR, 2006, p. 18).

Vemos o quanto pode haver uma ambiguidade posta na linguagem, pois a mulher pode se revelar como moderna, como também se mascarar naquilo que a sociedade lhe impõe. Visto por este prisma, ser uma mulher “esclarecida” trata-se de negar as verdades cristalizadas e buscar a própria verdade conforme sua convicção sobre as coisas. A verdadeira essência humana não está posta naquilo que se considera convencional, e sim no ato de mergulhar dentro de si, se indagar e refletir sobre o universo que a cerca para a libertação da subjetividade. As crônicas clariceanas oferecem a possibilidade do erro, isto é, através do rompimento com as regras e normas sociais, o ser feminino se torna errante ao traçar seu próprio caminho, buscar sua própria verdade e se emancipar de tudo aquilo que se perpetua no espaço tutelar e convencional. Diante do exposto, ser moderna constitui uma forma de romper com a corrente de subordinação que a mulher tinha para com aquilo que foi convencionado como certo ou errado.

Notamos que na maioria dos textos escritos por Lispector há a necessidade de questionar, de perguntar sobre a vida, desde as mais simples crônicas até os romances mais densos. Em alguns contos de Lispector encontramos o universo feminino que, como em *Laços de Família* (1952), segundo Berta Waldman (1992, p. 108):

Em *Laços de família* a autora nos apresenta a protagonista que vive o modelo da dona de casa tradicional, enquanto nos romances a situação se altera, porque neles

as mulheres ou não estão ligadas ao homem pelo casamento ou não tem filhos, o que dá a elas uma perspectiva de vida diversa.

Apesar de Waldman atentar para a figuração da mulher tradicional, nas crônicas em contrapartida aos romances, vale ressaltar que o modelo tradicional vivido pela mulher, enquanto esposa, mãe e dona de casa, pode ser superado através do autoconhecimento. A subjetividade feminina torna-se um meio pelo qual ela pode fugir de tudo aquilo que lhe é imposto. Assim, a mulher consegue ultrapassar os limites da configuração tradicional e adquirir um novo espaço na sociedade. Nesta coletânea de contos, vemos que há um modelo social que fixa a mulher em papéis estabelecidos, mas ao mesmo tempo a fazem entrar em choque consigo mesma e articular de modo claro sua própria vida. Já no *Correio Feminino* a mulher não está fixada em um determinado papel, tendo em vista que há um deslocamento que mostra a imagem feminina se posicionando em relação a diversos assuntos referentes à sociedade de seu tempo, segundo Souza: “o drama clariceano não consiste em conhecer, mas em sofrer o impacto do regime de fascinação que retira o homem de um universo habitualmente apolíneo e, do centro de sua vida interior tragicamente o arrasta para outro mundo”(SOUZA, 1997, p.).

Com base no estudo de Ronaldo de Melo e Souza, percebemos que as crônicas de *Correio Feminino* deslocam as mulheres do mundo em que estão habituadas e as fazem conhecer um universo distinto daquele em que tudo parece belo e perfeito. As coisas fúteis que emergem das crônicas fazem com que a mulher experimente o lugar do outro, pois deixa parte do senso comum e passa a vivenciar o moderno. Os temas que propiciam este deslocamento são “Uma mulher esclarecida”, “O dever da faceirice”, Ser feliz... para ser bonita”, dentre outros. Por trás de um mundo de coisas fúteis, as quais se disseminavam pelas vitrines e colunas de revistas, nas crônicas de *Correio Feminino* a mulher se vê e se constitui como sujeito moderno tendo em vista sua possibilidade de se posicionar no mundo circundante.

Segundo Caroline Peres Couto (2010), a “essência feminina” não é entendida como dom natural, mas que se alcança por meio de técnicas que objetivam conceder novos atributos às mulheres, como vemos no *Correio Feminino*. As mudanças sociais que alteraram a identidade da mulher na década de 60, “levaram a uma busca por redefinições estruturais que passavam necessariamente pelo reencontro com a essência feminina” (p. 2). Os ensinamentos e dicas de Lispector no *Correio Feminino* configuram essa descoberta: “ênfatizar a essência pode ofuscar as multiplicidades de identidade de gêneros existentes ao tornar mais verdadeiros e naturais determinados padrões e gêneros” (COUTO, 2010, p. 2).

As crônicas do *Correio Feminino* apontam para um caso histórico que salienta uma nova perspectiva da identidade feminina, pois a mulher deixa de ser tradicional e passa a ter novas aptidões e postura que são exigidas frente às transformações sociais da década:

Com todos os recursos que temos nos dias de hoje, a mulher não pode ser feia, e só será se quiser, deliberadamente. Mesmo para feiura irremediável - como se dizia antigamente - há recurso. A cirurgia plástica consegue corrigir a maior parte dos defeitos e os cosméticos apropriados são capazes de esconder cicatrizes no rosto de outras deformações (LISPECTOR, 2006, p.18).

A partir deste fragmento, podemos notar a grande dicotomia entre o belo e o feio, de modo que Lispector aponta para a feiúra exterior como algo remediável, ao passo que existe inúmeros recursos capazes de minimizar a imperfeição exterior, justificando o surgimento do grande espaço para a produção e venda de cosméticos, indústria da beleza, da moda e das cirurgias plásticas. Contudo, temos um despertar para a beleza e/ou feiura interior, visto que esta não possui mecanismos para equilibrar ou minimizar os defeitos, pois depende única e exclusivamente da mulher tornar seu interior mais belo; buscar uma transformação de dentro para fora, para, então, se inserir no mundo de forma completa.

Na década de 50 surgiram várias revistas e jornais que tratavam de questões referentes à beleza. Já na de 60 se tem um novo olhar sobre a beleza: “Ser bela é antes de mais nada, gostar e sentir prazer em se cuidar e prestar atenção ao próprio corpo” (COUTO, 2011, p.05). Apesar de Couto mostrar a beleza como algo externo, ligada aos cuidados do corpo, podemos enveredar-se pelo viés de que a beleza maior é aquela que ultrapassa a forma física, porque o conhecimento da subjetividade vai além da aparência. De forma que de nada adiante ter um aparência bela se sua essência ainda é horrenda, com comportamentos grotescos, atitudes insensatas e pensamentos vulgares. A essência feminina nas crônicas do *Correio Feminino* é transmitida pelos ensinamentos práticos, que englobam uma atenção maior aos gestos e atitudes próprias da mulher bela e, acima de tudo, esclarecida. As crônicas são denominadas singularmente como “aulinhas”, pois mostram uma clara reflexão do que é ser mulher e a necessidade de ser esclarecida.

Todas as particularidades e preocupações para ser uma mulher bela e esclarecida devem fazer o cotidiano daquela que pretende atingir o coeficiente moderno. Segundo Couto (2010), o discurso de Lispector está repleto de orientações que preconizam a dissimulação, a diplomacia e a delicadeza como táticas femininas. Vemos no *Correio Feminino* que a cronista descreve minuciosamente todos os passos das técnicas corporais e de reeducação do corpo. Ainda conforme Couto, Lispector contribui para afirmar, neste novo período, que a beleza e o encantamento sedutor não dependem mais apenas dos “dotes” físicos naturais. Sendo assim, acreditamos que a aparência, o gesto e a postura da mulher moderna necessitam de controle e de cuidados que repercutem na forma como apreende sua subjetividade.

Durante a escrita das crônicas a autora trás “Manias que enfeiam”, produzindo a imagem da “mulher atraente”:

Os homens detestam a mulher sempre irritada, irrequieta, geniosa. [...] Procura aprender a dominar-se, a deixar os problemas insolúveis do momento para quando puder resolvê-los, a controlar suas explosões de raiva, a evitar que os pequenos dissabores a transtornem. Não seja pessimista, procure rir (LISPECTOR, 2006, p. 63).

Observamos que a cronista coloca que as mulheres de certa forma têm que ter autocontrole para “conservar” sua feminilidade, sendo que isto significa a astúcia de lidar com as situações. Neste ponto, podemos salientar que a mulher começa a se desgarrar das atitudes passionais para se colocar enquanto um ser feminino capaz de dominar suas emoções pela razão. Momento este, que nos faz recordar de Ulisses em *Odisseia*, pois este coloca suas emoções sob o controle da razão no instante em que vê sua amada Penélope sendo cortejada pelos pretendentes. O agir racional, se apresenta de forma, indiscutivelmente, relevante para uma atitude sensata frente aos acontecimentos. Entretanto, não se trata de apagar as emoções, mas de controlá-las a ponto de não deixar que elas se transformem numa armadilha para afastar o bem amado. Em suma, é preciso ter diplomacia na hora de agir para não se perder no curso daquilo que almeja alcançar, pois a inteligência deve ser a grande aliada da mulher.

Percebemos que nas crônicas funcionam temas que dizem sobre como a mulher deve agir para ser realmente feminina, ou mesmo, qual o melhor caminho para que essa feminilidade realmente possa existir. Essa consideração pode ser relacionada com a assertiva de Vilma Arêas a respeito da posição de Ulisses no que diz respeito à personagem Lóri de *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*: “como outro Pigmaleão, ensina à mulher despreparada algo como a linguagem correta do mundo mais verdadeiro, a que ele dá seu sentido completo” (ARÊAS, 2005, p.49).

Com isso, destacamos que a cronista busca levar a mulher, supostamente despreparada, a conhecer o que a vida moderna lhe propõe, dando um sentido às coisas que a cercam. Teremos configurada a busca pelo autoconhecimento, que leva a mulher a ser moderna, quando houver uma inquietação em relação ao universo no qual está inserida. A cronista chama a atenção para o fato de que a mulher deve atingir um afastamento necessário do mundo que a circunda (cheio de preceitos e regras que cerceiam a vida feminina) para se colocar como sujeito capaz de problematizá-lo.

Podemos avançar em nossa pesquisa, embasadas no estudo de Davi Arrigucci (2006), para quem a crônica, a princípio, era histórica e supôs uma sociedade para a qual importava a experiência progressiva do tempo. Isso porque a crônica pode constituir o testemunho de uma vida,

o documento de toda uma época ou o meio de se inscrever a história no texto. Na atualidade, Arrigucci afirma que a crônica é considerada como um relato ou comentário: “de fatos corriqueiros dos fatos da atualidade que alimentam o noticiário de jornais desde que estes se tornaram instrumentos de informações de grande tiragem no século passado” (2006, p.53).

Com base em Arrigucci, percebemos em *Correio Feminino* que estas crônicas foram escritas em partes de jornais para informar as mulheres sobre as novidades que surgiram com a modernidade. Para Arrigucci, a crônica é por si própria um fato moderno, pois se submete aos “choques da novidade ao consumo imediato, as inquietações de um desejo sempre insatisfeito, à rápida transformação e a fugacidade da vida moderna” (2006, p. 53). A observação dos fatos da vida cotidiana é o espaço preferido da crônica, pois expõe o que está envolvido no cotidiano do sujeito e explora sua subjetividade.

Como vimos, o *Correio Feminino* retira a mulher do lugar comum para fazê-la se projetar no universo social: “Você, minha leitora, não limite seu interesse apenas à arte de embelezar-se, de ser elegante, de atrair os olhos masculinos. A futilidade é fraqueza superada pela mulher esclarecida. E você é uma “mulher esclarecida”, não é mesmo?” (LISPECTOR, 2006, p. 18). Por este viés, temos a compreensão de que a mulher sai do lugar comum, isto é, de apenas embelezar-se, para alçar o universo social, adotando um ritmo de vida que se encaixe a realidade e que seja, de fato, mulher atuante, e não simplesmente “objeto de decoração e de manipulação”.

Assim, a “nova mulher” esclarecida e atuante é aquela que não deixa se deslumbrar pelas manobras persuasivas do mercado de vendas, esta sabe medir suas ações a ponto de não concorrer para o consumismo exagerado. Enfim, é ter pensamentos próprios, vida própria e saber discernir sobre um bem relevante e indispensável para seu consumo, daqueles bens que os meios de comunicação procuram alienar o ser humano para a sua aquisição, como sinônimo de felicidade e bem-estar social.

Vemos que os temas do *Correio Feminino* giram em torno dos conflitos, que envolvem a vida moderna na época. Assim a cronista configura a mudança histórica ocorrida na posição da mulher, agora considerada moderna:

Coisas antigas: Que lindas são as coisas antigas que se tornaram opacas e amareladas porque sobre elas passou a vida, porque crescemos e vivemos tocando-as, fixando na retina as suas formas, fazendo-as participar dos nossos segredos, da primeira carta de amor, do primeiro beijo, dos sonhos da felicidade. [...] Que tremenda traição cometemos quando substituímos alguma dessas coisas por outra nova e luzidia, que levará ainda vários anos até adquirir a alma que lhe transmitimos (LISPECTOR, 2006, p.124).

Podemos dizer que a cronista frisa essa mudança para que a mulher não perca a essência da vida. A cronista alude para a necessidade de olhar para as coisas amareladas com o tempo, no sentido de que nelas se ancoram toda uma história capaz de produzir conhecimento a partir de uma

remodelagem para se encaixar no contexto atual. A mulher consegue se inserir na modernidade ao voltar seu olhar para o passado e empreender uma busca pelo sentido do presente; pelo moderno, visto que só se entende o que é modernidade quando fixamos um paralelo entre os opostos. Ou seja, só se compreende algo como moderno quando comparado com algo que se configura como antigo.

Assim, o presente feminino deve ser fruto da reflexão de um passado. Constituindo, deste modo, o conceito de que as coisas antigas carregam uma história que pode participar da vida e do espaço feminino, lançando a mulher na modernidade.

Segundo Vilma Arêas, “*A hora da Estrela*, antes de mais nada, é um auto-retrato, sendo ao mesmo tempo radiografia do processo de criação” (2005, p.76). Essa consideração pode ser relacionada ao *Correio Feminino*, tendo em vista que este constitui o autorretrato da incursão feminina na vida moderna, como também do processo de constituição da identidade feminina neste cenário.

Vemos que o *Correio Feminino* apesar de ser estruturado em temas fúteis consegue trazer questões para a mulher moderna. Esses temas surpreendem a mulher que quer alcançar algo além da mesmice.

O *Correio Feminino*, lançando mão de experiências novas e pensando em um determinado público alvo, norteia sua temática sobre a vida cotidiana para enredar/seduzir a leitora. Segundo Júlio Ramos, “a crônica surge como uma crônica da vida moderna, produzida para um leitor culto, desejoso da modernidade estrangeira” (2008, p.105).

Ainda Ramos argumenta que a mediação entre a modernidade estrangeira e um público que anseia por ela é a condição que possibilita o aparecimento da crônica. Ramos destaca que por nossa sociedade hoje ser articulada por tecnologias da comunicação tão complexas e refinadas, é difícil compreender a importância que um simples jornal podia ter na organização do mundo das sociedades *fine seculares*. Ramos afirma que a crônica se ajusta ao jornal: “a crônica, então como exercício de *sobrescrita* [...] é uma forma jornalística ao mesmo tempo que literária. [...] Trata-se de um “olhar” especificado, mas, no entanto, sem um lugar próprio, submetido, limitado, pelas outras autoridades que confluem na crônica (RAMOS, 2008, p.129).

Por isso, a crônica formalmente representa tanto a operação do sujeito literário (a *estilização*), quanto os limites de sua autonomia (a informação). Para Ramos, a crônica foi mais do que um mero suplemento da modernização poética por ter sido uma condição de possibilidade do alto grau de consciência e autoconhecimento desse sujeito em processo de autonomização. Ramos argumenta que a crônica tematiza o confronto da literatura com setores “estéticos” da cotidianidade capitalista. Se na poesia, a linguagem expressa a subjetividade, na crônica ela projeta o mapa que o homem demanda para se reconhecer como sujeito em sua especificidade e diferença.

Vemos assim a importância de um meio de comunicação como a crônica, pois caminha junto com as transformações da sociedade. A crônica como interface da transformação feminina,

pode ser considerada como um instrumento que dá voz ao oprimido, de modo que a mulher encontra nela uma forma de dizer e redizer sua forma de pensar e agir frente a uma sociedade arraigada profundamente em normas e regras, que muitas vezes apagam o ser feminino para criá-lo enquanto sujeito alienado. Desta feita, destacamos que o *Correio Feminino* é um livro composto por crônicas, cuja proposta temática faz desabrochar um ser feminino para além da dissimulação do mundo. Assim sendo, esta obra se circunscreve num espaço que desagrega e desnaturaliza a mulher de uma normatização do comportamento social, visto que o cenário literário da crônica consiste em guiar a mulher para que ela consiga realmente se encontrar com o novo e fazer disto “algo” para seu crescimento intelectual.

II coluna

Amiga leitora: Armadilhas e sedução narrativas

Este capítulo tem por objetivo entender como a narradora de *Correio Feminino* assume diversas posições dentro das crônicas na tentativa de seduzir a suposta leitora, transvertindo com a identidade necessária para o tema sobre o qual vai discorrer. Nas crônicas, consideramos que o público alvo seria o ser feminino no ambiente doméstico. Em um discurso intimista, de linguagem simples e de temáticas relacionadas a futilidades, Lispector mantém um tom de conversa com suas leitoras por meio das colunas femininas.

Neste espaço feminino de conversas diárias, se circunscreve uma narradora que nos chama a atenção em quase todas as crônicas, visto que esta usa como exemplo a própria história de vida ou de uma pessoa próxima para fazer com que a leitora se sinta mais confiante em sua leitura. Ao tentarmos traçar as diversas posições que a narradora assume no *Correio Feminino*, encontramos o seguinte fragmento:

Origem da saudação aos que espirram: Existe um conto popular francês sobre a origem do “Deus te abençoe” com que é de costume em quase todos os países saudar os que espirram. Conta o seu autor que havia uma estrada onde, em certo trecho, todos os que ali passavam ouviam espirros. Ninguém sabia a origem e o autor dos espirros e, parece, ninguém sentiu jamais curiosidade de saber (LISPECTOR, 2006, p. 138).

Com o trecho acima citado, vemos a figura de uma narradora que mantém a tradição da narrativa oral, na tentativa de expor aquilo que um dia já foi contado e que, de certa forma, está sendo dito para que sirva como uma lição de vida para as leitoras. A oralidade pode ser compreendida como uma estratégia narrativa de seduzir a leitora, tendo em vista que mantém uma relação de proximidade, de conversa corriqueira, despida dos entraves formais da linguagem. Na melhor das hipóteses, Clarice toma de uma estratégia narrativa para figurar, num espaço de conversa “entre amigas”, a tradição de rememorar e ensinar por meio de histórias já vividas. Aqui a narradora assume o lugar de uma verdadeira genealogista que busca compreender a origem das coisas para transmiti-las às supostas leitoras. Esse gesto pode ser interpretado como uma forma de a

narradora despertar a curiosidade das leitoras para o prazer da descoberta e aprendizagem¹.

A narradora adquire uma posição de sabedoria e, por meio desta, oferece conselhos às mulheres sob a perspectiva do que sua própria experiência e/ou experiência de outrem foi capaz de produzir determinado conhecimento. Esta posição da narradora faz com que tenha uma identidade épica ao recontar histórias já contadas para efeito de aprendizagem e crescimento humano. Assim, vemos configurada nas crônicas de *Correio Feminino* a posição narrativa na qual a cronista se sustenta para dizer à mulher sobre como deve se portar para estar bela:

Espelho mágico: Não só o espelho da madrasta “Branca de neve” que é mágico. A verdade é que todo espelho tem a mesma magia [...] Você não há de perguntar “quem é mais bela do que eu?”. O melhor é perguntar ao espelho: “como posso ficar mais bela do que eu?”. [...] Lembre-se: a imaginação só nos serve quando baseada na realidade. Seu material de trabalho é na realidade a respeito de você mesma (LISPECTOR, 2006, p.26).

Neste trecho, a narradora desloca uma perspectiva idealizada a respeito da beleza e chama a mulher para uma experiência que a leve ao verdadeiro “sentido da vida”². Frente a esta crônica, a leitora pode refletir sobre a forma com que olha a si mesma e a realidade do que está a sua volta. Este gesto da narradora mostra-nos que a suposta leitora deve assumir um novo posicionamento diante das questões suscitadas pelo dia-a-dia, de modo a chamar sua atenção para a falácia que seria viver num mundo de ilusão. A imaginação serve como propulsora para que a mulher, com base nas experiências cotidianas, possa construir uma identidade pautada na busca pelo conhecimento de si:

Qualidades para tornar a mulher mais sedutora: Os tempos modernos trouxeram a emancipação da mulher em quase todos os campos. Eis um grande bem. No entanto, muita confusão se faz em torno disto e o que se vê é que muitas representantes do sexo feminino entendem que ser emancipada é ter personalidade marcante é imitar os homens em todas as suas qualidades e defeitos (LISPECTOR, 2006, p.101).

Diante do exposto, a narradora aponta para o que é ser uma mulher moderna e emancipada, visto que ocorre uma disparidade entre o real significado do termo com aquilo que as mulheres

¹ Flora Süssekind (1993) discute como o intelectual brasileiro lançou mão de estratégias ficcionais e construções ideológicas que buscaram delimitar e/ou problematizar o tempo/espaço em que se situaram as origens do povo, tendo em vista um projeto genealógico cujo intuito seria criar um imaginário mítico de fundação nacional.

² Nas palavras de Walter Benjamin (1994), a narrativa traz um conselho diferentemente do romance, cujo formato busca configurar o “sentido da vida”.

acreditam ser. De forma que o ser feminino começa a adotar gestos que se assemelham aos homens, pois ao imitar o comportamento masculino acreditam ser emancipadas e modernas. Entretanto, a narradora traz um despertar de consciência para a busca do conhecimento de si, no sentido de que este é o modo pelo qual a mulher deixará transparecer sua verdadeira identidade.

Visto por este lado, torna-se preciso se conhecer, descobrir os limites, as verdades que movem o ser, os defeitos e as qualidades, para então se posicionar de maneira única diante das pessoas, de si mesma e da vida. A narradora desmistifica a ideia de personalidade e de emancipação, para que as mulheres, de fato se tornem livres, “tome[m] a vida pelas mãos” e sejam protagonistas da própria história:

Não ande como soldado: viver não é desafiar o mundo, nem cumprir dever. Mas há quem pense que ser feminina é andar como passarinho. Andar de passarinho só interessa a outro passarinho. E, por favor, não “rebole”. Ser feminina em doses maciças é pretender sedução por atacado. Sedutora é sutileza. (O que você relembra hoje é que lhe é permitido ser o que você é: naturalmente sedutora sem precisar ser agressiva.) (LISPECTOR, 2006, p. 110).

Neste momento, a narradora, com uma identidade revestida de senso crítico, busca libertar a mulher daquilo que é imposto pela sociedade. Para que, assim, a maneira de agir e pensar da mulher não se dê por uma repetição de gestos de outrem, mas que esta possa conhecer sua verdadeira natureza e se dar o direito de ser ela mesma. O natural deve ser capaz de romper com a mecanização do ente, fruto de uma sociedade afetada profundamente pelo processo de instrumentalização, mecanização e burocratização advinda do industrialismo do mundo capitalista. Por este viés, Adorno e Horkheimer ressaltam que: [...] até mesmo no lazer e na felicidade, as pessoas reproduzem o próprio processo do trabalho estabelecido pelas relações capitalistas de produção. O trabalho intelectualizado se perde, e o homem se torna um reprodutor de funções padronizadas e relativamente repetitivas (2008, p. 335).

Esta é uma questão discutida pela narradora das crônicas, em especial no instante em que faz a seguinte referência: “Não ande como soldado: viver não é desafiar o mundo, nem cumprir dever”. Neste enunciado é possível perceber que a narradora fala às mulheres para não viverem de forma padronizada como os soldados, não andar de forma milicianiana e enfileirada, ou seja, ser feminina não é reproduzir gestos. Torna-se preciso buscar a naturalidade, para que os gestos sejam espontâneos e sem exageros. Para tanto, tem-se que romper com a ideia capitalista de reprodução nas relações pessoais e sociais para ser uma mulher natural e feminina. A narradora de o *Correio Feminino* assume como observamos diversas identidades na tentativa de aproximar a leitora do que está sendo

tratado. T

multifac

mulher

femini

cotidia

mulhe

em co

Correio

ra faz ao escrever para um público tão grande e preencher o vazio de sentido diante do embate da ide moderna.

narradora traz um novo olhar sobre o universo ãnicas elas encontram uma perspectiva do seu Como as crônicas trazem vários temas de como a afigurada a busca por uma nova identidade que leva de ela se sobressair nas situações. No prefácio de considerações sobre as obras lançadas por Lispector:

dução de Clarice Lispector pode até decepcionar as ciam fórmulas mágicas e sofisticadas. As tais “aulinhas a verdade adverte a mulher de que nem sempre o que o corpo, o temperamento, a personalidade, o humor, o permanece imperceptível aos olhares de outros (*Correio* 1).

ios que as propostas da narradora nas crônicas de *Correio* das pela/na perspectiva do senso comum, possibilitando à s problemas como algo mais “palpável”:

narido: Nós não estamos mais no tempo em que a única ; de uma jovem era arranjar marido. Não importava de que ; fosse. Um marido era o objetivo. Felizmente, isso passou. qüentando Universidade, libertando-se dos falsos tabus que la mulher um ser inferior e eternamente submisso, o problema to passou a ser encarado de forma muito mais acertada e (LISPECTOR, 2006, p. 74).

A narradora faz a flutir sobre sua identidade feminina, que antes era norteadada por uma postura passiva, tendo em vista o ditame de regras e padrões comportamentais que faziam distinção entre os gêneros. A sociedade da época categorizava a forma de agir e pensar da mulher. Deste modo, o sujeito feminino estava circunscrito na esfera idealizada, sendo considerado como ser frágil e inferior ao homem. Assim, criava-se uma identidade tradicional para a mulher em que a felicidade se resumia no casamento, como se o ato de casar fosse relacionado à concretização da felicidade, fato este que fazia com que as jovens não casadas se sentissem infelizes e mal amadas. Essa forma de lidar com o casamento mudou com o tempo, de modo que este começou a se dar de forma mais pensada, sensata e lúcida. Isso se deve ao fato de que os padrões comportamentais começaram a se alterar, pois a mulher procurava se libertar das amarras sociais. Contudo, a busca

pela emancipação da mulher trouxe algumas controvérsias, visto que ela começou a perder seus atributos femininos ao acreditar que se emancipar e ser independente significava imitar o comportamento masculino.

Diante disto, a narradora das crônicas clariceanas trouxe um despertar para a questão da feminilidade, pois era possível conquistar o mercado de trabalho, ter as mesmas responsabilidades que os homens e decidir sobre a relação conjugal, sem se comportar como o ser masculino. Era possível ter personalidade marcante sem inibir a essência feminina. Desta forma, a narradora aponta para a necessidade de uma identidade feminina com ênfase naquilo que a identifica como mulher, ou seja, astúcia, delicadeza, vaidade, emoção, dentre outros. A mulher figurada nas crônicas de Lispector não possui estereótipos e nem está no plano idealizado, ao passo que a leitora consegue empreender uma busca pela identidade, pelo rompimento de um comportamento instituído tradicionalmente à mulher. Contudo, isso não pode ser passaporte para a negação da essência feminina, de modo que os atributos femininos não se percam, ou não sejam “jogados ao vento” em nome da emancipação. Em outras palavras, a narradora se posiciona para intermediar a mulher no espaço moderno sem perder a sua essência.

Para refletirmos melhor a respeito das posições assumidas pela narradora de *Correio feminino* trazemos o estudo de Walter Benjamin, para quem “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores” (1994, p.198). Existem dois grupos que tornam a figura do narrador plenamente tangível: o primeiro diz respeito à figura do viajante que se lança no desconhecido como forma de ampliar as experiências vividas, pois nas palavras de Benjamin “Quem viaja tem muito que contar”. Ainda, temos a figura do narrador ouvinte, que ganhou honestamente a vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Os representantes arcaicos desses dois grupos são exemplificados pelo camponês sedentário e pelo marinheiro comerciante, pois, de acordo com Benjamin “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p.201).

Temos a figura do narrador tradicional com a função de trocar experiências e dar conselhos, na medida em que “O senso prático é uma das características de muitos narradores natos” (BENJAMIN, 1994, p. 200). O narrador é um homem que sabe dar conselhos, mas com a modernidade estes já não têm mais valor, pois, segundo Benjamin, “as experiências estão deixando de ser comunicáveis” (1994, p.200). Com o surgimento do romance a narrativa vai perdendo espaço e ainda que tenha caminhado devagar, o romance floresce. Com a consolidação da burguesia destacou-se uma forma de comunicação: a informação. Neste momento há uma perda para a narrativa, porque, segundo Benjamin, com a informação os fatos chegam acompanhados de

explicações. Um dos maiores problemas da informação é que só tem valor para o momento e os fatos são constantes. Já a narrativa não se entrega, conserva suas forças.

O teórico ainda argumenta que existe uma diferença entre a narrativa e a informação, a primeira oferece reflexão e, como já colocado, a última surge de forma efêmera e somente tem validade enquanto novidade. Benjamin ainda coloca que o narrador tem como matéria a vida humana e estabelece com ela uma relação artesanal. Por isso, esse narrador sabe dar conselhos como sujeito sábio, podendo basear-se na experiência de uma vida toda. Vemos que Benjamin comenta sobre o fim da experiência e das narrativas tradicionais. O teórico também enfatiza a solidão do autor, como também da personagem e do leitor, pois na contemporaneidade o escritor produz isolado do mundo exterior. Dessa forma, em *Correio Feminino* a cronista escreve com base nas experiências obtidas em sua vida, as quais busca transmitir para a leitora:

As brigas: Os casais que brigam eventualmente são felizes? Há mulheres que começam a falar cedo, tentando implicar com o marido, e se esse consegue guardar um silêncio heróico, começam a acusá-lo de indiferente, cruel e marido que não presta atenção ao que diz a esposa. (LISPECTOR, 2006, p. 83).

Com base em fatos apontados como reais, a narradora propõe escrever para as mulheres inexperientes, às que têm uma vida cotidiana sem grandes novidades e vivências. As crônicas são narradas em terceira pessoa, com a característica principal do imperativo, pois em todos os momentos encontramos a voz da cronista tutelando o sujeito-leitor: Cultive a boa aparência: “a boa aparência faz com que a pessoa se sinta mais feliz e com um sentimento de segurança que muito ajudará na vida. A boa opinião que fazem de nós é na realidade muito mais importante do que admitimos a nós mesmos.” (LISPECTOR, 2006, p.19).

Essa persistência em manter uma relação de proximidade com a leitora é uma forma de propiciar credibilidade e confiança para a narrativa e, de certo modo, seduzi-la a fazer o que realmente apresenta em suas crônicas. Neste sentido, a narradora adquire uma posição tradicional, ou seja, o ato de narrar perpassa um viés arraigadamente clássico, pois a tradição de construir uma narrativa alicerçada no ato de dar conselhos diz respeito à tradição clássica. A narradora ainda assume a posição de jornalista, ao informar e apresentar à leitora fatos e acontecimentos que circundam o meio social: “a vitamina A é, também, a que empresta maior brilho ao olhar. Você encontra (a vitamina A) no leite e derivados, e nos legumes, sobretudo na cenoura. A cenoura crua, ralada – eis a salada para seus olhos” (LISPECTOR, 2006, P. 114).

É possível observarmos que a narradora mantém uma postura informativa, em especial por tratar de assuntos de grande relevância, talvez em detrimento, de uma, problemática presente no contexto social, que afeta mulheres de todas as idades. A narradora apresenta uma informação para a saúde dos olhos da mulher, apontando para uma possível amenização desta pauta. Temos uma narradora que se mantém atualizada para, então, modernizar o pensamento das mulheres. Diante disto, a narradora ao mesmo tempo em que é tradicional também consegue ultrapassar este espaço e abarcar assuntos que visam trazer os acontecimentos que permeiam a atualidade.

Neste sentido, podemos notar a existência de uma narradora que se coloca na posição de jornalista, trazendo à superfície assuntos que se assemelham a um noticiário, visto que discute uma idéia para que a leitora se atualize acerca do que acontece a sua volta. Assim, no momento em que a narradora fala sobre a vitamina A e sua importância para a saúde dos olhos, tem por objetivo de ofertar uma informação à mulher. A narradora jornalista se coloca como em uma dada realidade, uma vez que esta traz para o campo da literatura a tematização de assuntos que permeiam o universo social, cujo objetivo é buscar uma atualização do ser feminino quanto aos acontecimentos que se fazem presentes em seu contexto. Isso porque o discurso narrativo supõe que a mulher moderna precisa se atualizar se reconstruir com a renovação do mundo, ou seja, acompanha o ritmo da vida e se mantém informada.

Ao pensar na mulher que “está à frente de seu tempo”, a narradora se posiciona como jornalista para ofertar-lhe momentos de interação com o que está acontecendo no meio social. “a mulher precisa ser esclarecida e ‘esclarecida’ é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida atual” (LISPECTOR, 2006, p. 18).

Portanto, para acompanhar o ritmo da mulher moderna, esclarecida e atualizada, a narradora alimenta nas crônicas uma posição que visa trazer informações para esta leitora. A narradora jornalista traz para o campo literário temas da atualidade, que estão presentes no cenário moderno do ser feminino, principalmente quando aborda o que é tendência no momento para a mulher:

Outra novidade: roxo é a cor que vem. Em algumas de vocês, o roxo irá tão bem como uma luva de luxo. Em outras, apesar de estar na moda, talvez de um ar de tristeza e viuvez. Lembre-se: moda é moda, mas quem manda mesmo é você. E quem escolhe também: a cor do roxo, mas ninguém está dizendo que tom de roxo. Quem sabe o lilás, modalidade mais suave do roxo, vai melhor com o seu tipo? (LISPECTOR, 2006, p. 40).

Conforme o fragmento acima, podemos notar a existência, de forma contundente, de uma narradora que se pauta na informação, trazendo notícias sobre a atualidade, para que, assim, a

mulher possa se colocar neste universo de mudanças e acompanhá-lo. Notamos, ainda, que a narradora, além de trazer uma informação, consegue mediar os fatos com uma orientação às mulheres acerca da moda, dizendo que: “moda é moda, mas quem manda mesmo é você”. Neste momento, a narradora fala sobre as tendências da moda, mas deixa um espaço para que a mulher se posicione criticamente para que sobressaia, acima de tudo, o seu próprio modo de se vestir. Assim, o lugar da leitora é “desenhado” pela narradora, o que vai se concretizar de fato quando esta se posiciona enquanto narradora contemporânea.

Diante disso, percebemos uma relação com o romance contemporâneo que traz a presença da subjetividade fragmentada do escritor frente aos conflitos com os quais se depara em suas experiências. Segundo Theodor Adorno (2003, p. 60): “o narrador ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece como se estivesse presente em carne e osso”. Desta feita, a experiência narrador-leitora faz com que a leitura tenha um sabor de busca pelo saber. Momento este, em que podemos salientar o papel da literatura para a emancipação do ser humano, ao passo que este não será mero espectador e sim ator principal, protagonizador de mudanças e conhecimentos:

Na obra o homem fala, mas a obra dá voz no homem, ao que não fala, ao incommunicável, ao inumano, ao que é sem verdade, sem justiça, sem direito, onde o homem não se reconhece, não se sente justificado, onde não está mais presente, onde não é homem para ele, nem homem perante Deus, nem deus diante de si mesmo. (BLANCHOT, 1987, p. 232).

Assim, podemos apontar a grandeza da subjetividade propiciada pelo prazer estético, em especial por uma narradora que “abre as cortinas” do espaço literário para que a leitora possa se reconhecer neste e produzir conhecimento: “um dos modos mais seguros da gente saber que vai sentir-se bem é o de “sentir-se tratada”. É óbvio que, para se sentir tratada, o jeito é mesmo tratar-se. Já conheço o seu grande argumento, que muitas vezes tem sido o meu: não temos tanto tempo assim (LISPECTOR, 2006, p. 20).

Observamos que a narradora se coloca no lugar da leitora, em especial no momento em que aborda uma possível indagação que esta poderia fazer: “Já conheço o seu grande argumento, que muitas vezes tem sido o meu: não temos tanto tempo assim”. Diante disto, podemos compreender que a narradora assume uma posição contemporânea devido às mudanças de comportamento da própria mulher, pois a mulher moderna já não é mais uma figura passiva que tudo escuta e nada questiona, uma vez que ela se posiciona diante daquilo que escuta e/ou lê.

A narradora traz o lugar da leitora dentro da crônica; o lugar de questionamento e posicionamento sobre o que lê. Neste aspecto, a crônica perde o tom de conselho para se fixar como

uma forma de fazer com que a mulher enxergue o mundo que está a sua volta e assuma o seu lugar nas relações sociais. A cronista assume a posição do narrador contemporâneo, ao abrir espaço para que a leitora possa se inserir na cena literária. Vale ressaltarmos que a narradora toma de suas experiências para que a mulher consiga se reconhecer neste espaço e se embrenhar num universo feminino multifacetado, configurado pelas diversas identidades da mulher moderna. Em “No raiar de Clarice Lispector”, Antonio Candido (1968, p. 35) considera que “Clarice aceita a provocação das coisas à sua sensibilidade e procura criar um mundo partindo de suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação”. Acontece na narrativa contemporânea um deslocamento em relação à tradicional na medida em que surge uma nova perspectiva sobre a subjetividade na linguagem, que leva o suposto sujeito-leitor a estabelecer uma relação de identidade no que diz respeito àquilo que lê.

Na medida em que ocorrem mudanças na forma de agir e pensar da mulher, isto é, este momento de transição entre o lugar da submissão para o moderno e emancipado, assim também acontece com a crônica, pois esta, ao abarcar o ser feminino, busca se adequar a ele a partir de uma linguagem mais apropriada para uma mulher atuante na modernidade. Podemos conceituar a narradora das crônicas de Lispector como ambígua, ora se fixando num papel e ora se fixando em outro, transitando entre o jornalista, o clássico e o contemporâneo. Desta mesma forma ocorre com a mulher, visto que ela passa por estas mudanças, se tornando também um ente paradoxal. A narradora compreende a mulher dentro de suas mudanças, por isso adquire vários posicionamentos dentro das crônicas de *Correio Feminino*.

Ao fazer um estudo sobre a crônica de modo geral, Candido afirma que no seu início ela não tinha pretensão em durar “uma vez que era filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (1968, p.14), pois ao fim de sua utilização era usada para forrar chão ou embrulhar sapatos. Contudo, o crítico vê que há um sentido atemporal nos temas tratados nas crônicas:

No caso da crônica, talvez como prêmio por ser tão despretensiosa insinuante e reveladora. E porque também ensina a viver com a palavra, fazendo que ela não se dissolva de todo ou depressa demais no contexto, mas ganhe relevo, permitindo que o leitor a sinta na força dos seus valores próprios (CANDIDO, 1968, p.15).

A crônica tem por objetivo ensinar e isso é o que chama a atenção da leitora, tendo em vista uma narradora em que suas palavras marca a grandiosidade de seus ensinamentos. Algo que acontece de forma leve, quase despretensiosa, sem nenhum compromisso com o ato de ensinar e/ou aconselhar a leitora. Lispector projeta a posição de uma narradora que molda o comportamento

feminino utilizando-se da linguagem literária. A leitora adquire conhecimento por meio de palavras que parecem deslizar-se, não trazendo consigo o peso de um conselho ou até mesmo de uma censura por um ato indevido ou uma conduta digna de reprovação. Este fator faz com que a leitora se aproxime daquilo que a narradora está abordando, no sentido de se inserir na cena e tomar para si os ensinamentos que a permeiam, de maneira descontraída, simples e natural. Portanto, a posição da narradora é o ponto de partida para delimitar o espaço que se pretende alcançar no estudo das crônicas de *Correio Feminino*. Neste caso, temos uma narradora que, dentre seus inúmeros papéis, como informativo, crítico, dentre outros, faz a função de ser mediadora entre a leitora e a produção de sua subjetividade, para embrenhar-se rumo ao conhecimento de si, das pessoas, das coisas, enfim, do mundo.

III Coluna

Jogos de identidade ou perfis de mulher?

Este capítulo tem como objetivo elucidar as identidades assumidas pela mulher moderna nas crônicas de *Correio Feminino* (2006), de forma a discutir como se projeta um universo feminino multifacetado. Não pensamos, nesse caso, em termos de uma criação de estereótipo, mas sim na forma como as crônicas clariceanas trazem o modo pelo qual a subjetividade feminina provocou mudanças na forma de agir e pensar na modernidade. Por meio do estudo das crônicas trazidas no *Correio Feminino*, deparamo-nos com essa mulher multifacetada, a qual não tem uma identidade fixa na medida em que assume várias posições dentro da sociedade. Vale ressaltarmos que Lispector trata do gênero feminino frente aos inúmeros papéis que a mulher desempenha no rol social. Por meio deste perfil de mulher, a cronista lança mão de ensinamentos nos quais o objetivo é fortalecer uma identidade que se alinhe aos novos atributos conquistados pela mulher moderna. Assim, as

crônicas moldam o comportamento da mulher a partir de ensinamentos sobre o ser mulher à luz da modernidade:

O ideal é o meio termo, o equilíbrio entre o sonho e a realidade, entre a vida prática, externa, e o profundíssimo mundo interior. Aqui estão algumas sugestões para o desenvolvimento, o equilíbrio de sua personalidade:

- 1) procure variar e ampliar suas atividades. A limitação de interesse torna você própria limitada;
 - 2) tome decisões, com firmeza e confiança. A indecisão é a pior coisa do mundo;
 - 3) modifique as opiniões próprias quando as razões que lhe apresentaram sejam justas e convincentes. A teimosia sem fundamento é sinal de pouca inteligência;
 - 4) procure rir, ser alegre. O riso faz bem à saúde e aumenta a simpatia; [...]
- (LISPECTOR, 2006, p. 63).

Notamos que a cronista molda o comportamento feminino no intuito de fortalecer sua identidade. Deve haver, nesse caso, todo um cuidado no tratamento das emoções, direcionando a mulher para a reflexão e fazendo com que esta volte sua atenção aos gestos, atitudes e comportamentos que delineiam sua identidade. Esse ensinamento, direcionado pela cronista, faz com que a mulher junte todos os elementos necessários na realização ou desempenho de seu papel, seja o papel de mulher “discreta”, “ousada”, “esclarecida”, “extrovertida”, etc. Para cada perfil de mulher, Lispector mediante a listagem de dicas abarca diferentes personalidades e identidades, atribuindo uma configuração identitária para a mulher.

Na busca por delinear as identidades assumidas pela mulher, Lispector chama a atenção das leitoras para as transformações sociais e a inserção destas no mercado de trabalho, na tentativa de mostrar que isso não deve provocar um embrutecimento feminino, que as faça assumir comportamentos voltados ao universo masculino: “Sejam eficientes, trabalhadoras, objetivas, mas não permita que isto afete sua feminilidade” (LISPECTOR, 2006, p.19). Diante disto, a autora pensa o ser feminino de forma a contemplar os diferentes perfis de mulher que se apresentam na modernidade, visto que a mulher conquistou o mercado de trabalho e, conseqüentemente, um espaço que antes era restrito ao ser masculino.

O problema que a mulher enfrenta pela necessidade de trabalhar e cuidar de casa, não é algo que acontece somente neste tempo, se pensarmos que boa parte das mulheres originária de setores desfavorecidos já tinha que lidar com esse desafio antes mesmo do século XX. Segundo Caroline Perez Couto e Arthur Pecini (2010), o trabalho feminino nesta época não era valorizado. Este começou a ganhar mais expressão a partir da Segunda Guerra Mundial, em razão da diminuição da taxa da população ativa do sexo masculino. Salientamos, neste sentido, a importância da mulher

para o desenvolvimento dos meios de produção, pois participar da vida social consistiu em uma das formas de ela conquistar autonomia e emancipação. Por este prisma, podemos compreender a ânsia da mulher em se inserir no mercado de trabalho e ser valorizada pelo seu serviço, ao ponto de ser considerada tão capaz quanto o homem. Portanto, vemos no *Correio Feminino* que a cronista frisa bastante a questão da mulher que trabalha:

Se você trabalha fora, comanda ou dirige equipes, trata de assuntos comerciais com homens, interessa-se, por força da profissão, pela cotação do mercado, pela contabilidade mecanizada, enfim, se você é obrigada a deixar de lado as maneiras delicadas e muito femininas, muito cuidado! (LISPECTOR, 2006, p. 19).

Neste fragmento, a narradora, ao mesmo tempo em que aponta para a importância do trabalho, deixa claro a necessidade de a mulher não perder a essência feminina e delicada, pois o trabalho deve ser algo para a conquista pessoal, profissional, financeira, enfim, deve ser um meio para libertá-la do senso comum. A cronista não deixa de lembrar à mulher que por mais espaço que ela tenha conseguido conquistar, não precisa perder o que tem de mais atraente e conquistador: a feminilidade. O trabalho passa a ser algo de grande importância para a mulher, não só pela questão econômica, como também pelo fato de ela poder ter autonomia para construir o seu lugar dentro da sociedade. Nesse sentido, ela deixa de exercer apenas o papel de esposa submissa para conquistar seu espaço na sociedade, se firmar como um ser capaz de transitar por todas as áreas, sem deixar de lado seus atributos, aquilo que a diferencia dos homens e a torna realmente feminina.

A mulher, pensada por Lispector, não abandona suas atividades, pois o trabalho é fundamental para encontrar a felicidade. Assim, temos a configuração de vários perfis femininos nas crônicas clariceanas, visto que a autora retrata a mulher que trabalha, a mulher que é mãe, esposa, dona de casa, mas que, acima de tudo, é feminina:

Somente uma mulher, e dona de casa, sabe e reconhece a grande tarefa que é bem dirigir uma casa. A dona de casa tem de ser, antes de tudo, uma economista, uma “equilibrista” das finanças, principalmente com a dificuldade da vida atual. O lar é o lugar onde devemos encontrar nossa paz de espírito num ambiente limpo, sadio e agradável e cabe à mulher providenciar isso (LISPECTOR, 2006, p. 45).

Verificamos que o espaço construído pela cronista refere-se ao do mais corriqueiro cotidiano, para ensinar à mulher como lidar com o ambiente doméstico, familiar e intelectual. Neste momento, a cronista alicerça um discurso voltado para as donas de casa, criando, imaginariamente, um perfil de mulher que cuida do lar e direciona suas ações rumo à construção de um lugar

harmonioso e equilibrado. Nas crônicas, a autora problematiza o processo de emancipação da mulher, momento pelo qual a mulher começou a se desgarrar de papéis pré-fixados, fazendo com que a vida não mais se resumisse à posição submissa na relação matrimonial. A mulher começou a alçar novos horizontes, tornando-se protagonista de sua própria história para ter uma vida extremamente ativa.

É possível notarmos que a narradora não fala de forma padronizada a todas as mulheres, pois adota discursos distintos para diferentes perfis de mulher. Nos liames da modernidade surge uma nova mulher e esta deixa de ser uma figura passiva e passa a ter um papel principal ao lado do marido e filhos:

Digo-lhes esclarecida é a mulher que se instrui, que procura acompanhar o ritmo da vida útil dentro do seu campo de ação, fazendo se respeitar pelo seu valor próprio, que é companheira do homem e não escrava, que é mãe e educadora e não boneca mimada a criar outros bonequinhos mimados (LISPECTOR, 2006, p. 18).

Lispector aponta para uma mulher repaginada e moderna, ao adquirir uma nova postura para velhos contextos, como por exemplo, a sua forma de se posicionar diante do marido e dos filhos. Temos um ambiente que anos a fio representou o “cativeiro” da mulher, pois esta era escrava por ter que seguir uma linha de comportamento ditada por uma sociedade que assegurava à mulher o lugar de “escrava sem direito a carta de alforria”. Contudo, a mulher conseguiu se libertar e adquirir um lugar de destaque dentro de casa ao adquirir voz e vez na sociedade. A mulher esclarecida procura refletir sobre suas ações e se manter atualizada aos acontecimentos a sua volta. Ela também analisa, de forma consciente, os trajetos e as mudanças em sua personalidade. Lispector atenta para esta questão, em especial no momento em que orienta a mulher à voltar seu olhar para si mesma. Estar bem consigo mesma é fundamental para a harmonia de tudo aquilo que circunda o contexto feminino: “Se quiser um conselho, economize em outras coisas, mas se dão ao luxo de adquirir uma balança que lhe permitirá pesar-se todos os dias, sem roupas e na mesma hora” (LISPECTOR, 2006, p. 24).

Todas essas preocupações devem fazer parte do cotidiano da mulher moderna, que deixa de lado as futilidades do cotidiano. A mulher moderna, segundo a cronista, “não tem que trazer necessariamente um diploma. Mas conhecer alguma coisa mais além dos seus tricôs, dos seus bate papos com vizinhas” (LISPECTOR, 2006, p. 18). A cronista incorpora um posicionamento moderno e, ao mesmo tempo, conservador, às vezes impedindo as leitoras de terem novos comportamentos:

O fato de a mulher ser livre, não implica que ela deva libertar-se também dos

liames da moral e pudor, que são, afinal, embelezadores da mulher e, portanto, indispensável à sua personalidade. A mulher esclarecida sabe disso. Ela estuda, ela lê, ela é moderna e interessante sem perder seus atributos de mulher, mãe, esposa (LISPECTOR, 2006, p. 19).

No momento em que a cronista transita pelo moderno e conservador, o faz no sentido de mediar a posição da mulher, que não pode e não deve esquecer do passado na tentativa de ser moderna. Ela precisa tomá-lo como suporte de conhecimento e de aprendizado para, então, construir seu presente e/ou futuro. Visto por este prisma, Lispector aponta para uma modernidade com prudência, que não se desvia dos valores morais e do pudor que balizaram a sociedade, de modo que estes princípios devem se encaixar na vida da mulher moderna. Neste mesmo viés, ocorre a ideia de adquirir uma personalidade marcante, pois a mulher pode se destacar sem ter que imitar o homem. Não é preciso se desgarrar daquilo que a consagrou como feminina para se destacar enquanto um ser atuante na sociedade:

Os tempos modernos trouxeram a emancipação da mulher em quase todos os campos. Eis um grande bem. No entanto, muita confusão se faz em torno disso e o que se vê é que muitas representantes do sexo feminino entendem que ser emancipada e ter personalidade marcante é imitar os homens em todas as suas qualidades e defeitos (LISPECTOR, 2006, p. 100).

De certo modo, as mulheres buscam autonomia frente às suas escolhas, algo que seja significativo e estável, que proporcione melhoria em seu ambiente de trabalho e ligação afetiva para vivenciar a sexualidade. A cronista está sempre atenta ao fato de que a mulher precisa conservar sua feminilidade mesmo com a inovação de “mulher emancipada” e “esclarecida”, que também é composta de “esposa” e “mãe”.

Para Gilles Deleuze (1998) o paradoxo não pode ser definido por uma identidade fixa, mas sim pela possibilidade de se apresentar dois sentidos ao mesmo tempo. Podemos considerar o *Correio Feminino* como uma escrita paradoxal, pois ao mesmo tempo em que traz um universo de futilidades, projeta neste a imagem da mulher moderna. A cronista suscita para a mulher sair do senso comum, deixando de fazer a leitura do *Correio Feminino* somente na superficialidade e passe a lê-lo para o seu crescimento como mulher esclarecida. Assim, a cronista projeta a contradição presente no universo feminino:

Chega de cinto: [...] “Qual a finalidade da moda?” É claro que a moda tem um fim e não é preciso ser nenhum gênio para responder que é dar sugestões à mulher para se vestir sem aparecer cem por cento em público, ser admirada pelas suas toaletes [...] a mulher procura vestir-se bem, igualmente com um objetivo – o de agradar e ser admirada (LISPECTOR, 2006, p. 131).

Neste fragmento a narradora chama a atenção da mulher para que não se prenda à moda, pois esta pode se configurar como uma máscara e esconder, mesmo que de forma superficial, a identidade do ser humano. Em outras palavras, a narradora aponta para uma identidade feminina despidida das armadilhas que possam mascarar sua verdadeira natureza humana. Assim Lispector direciona a mulher para uma identidade pura.

Em *Dialética do esclarecimento* (1985) Theodor Adorno e Max Horkheimer problematizam o processo de constituição do sujeito esclarecido que precisa dominar a natureza para sobreviver às peripécias que são colocadas na viagem de regresso. Pois Ulisses usa da astúcia para vencer essas peripécias, entrando em contradição com o mito para alçar o esclarecimento. Podemos pensar por este viés, o que ocorre com a mulher das crônicas clariceanas, pois no momento em que o ser feminino consegue alcançar o esclarecimento, isso representa uma possibilidade de dominar a natureza, estabelecendo uma relação de mudança dos papéis cristalizados pela sociedade, ao passo que a mulher deixa de ser dominada para ser dominadora. O esclarecimento é capaz de desconstruir os estereótipos criados pela sociedade machista e fazer com que o lugar da submissão, ocupado anos a fio pela mulher, seja diluído em função de uma modernidade libertadora que confere à mulher o poder de dominar os homens.

Diante disto, podemos compreender como a mulher nas crônicas de Lispector consegue alcançar o mundo moderno através do esclarecimento, momento pelo qual o ser feminino se liberta de tudo o que é tradicional e mergulha profundamente no conhecimento de si. Sendo este fator um elo entre a mulher e o esclarecimento, pois o lugar de dominação do homem tem sua morada na subjetividade, visto que o conhecimento de si é uma forma para conhecer e dominar o outro e a natureza: “A transformação causada pelos tempos, pela instrução, pela vida moderna, está mais na mentalidade, na cultura, nas ideias, em si, **que nas exteriorizações ridículas de um feminismo caolho**” (LISPECTOR, 2006, p. 30, grifo nosso). Diante do exposto, vemos as crônicas clariceanas esboçando a mulher que, depois de se libertar do mundo das futilidades, passa a dominar o mundo moderno.

Gilles Deleuze (1998) traz uma questão bastante interessante para pensarmos a ideia de simultaneidade que permeia o ser feminino, pois compreende que não há apenas um único caminho. Do mesmo modo em que nada está pronto e acabado, não existe verdades absolutas, ou apenas uma direção para as coisas:

O paradoxo é a subversão simultânea do bom senso e do senso comum: ele aparece de um lado como os dois sentidos ao mesmo tempo do devir louco imprevisível [...] Alice é aquela que vai sempre nos dois sentidos ao mesmo tempo: o país das

maravilhas tem uma dupla direção sempre subdividida. Ela é também aquela que perde a identidade, a sua, a das coisas, a do mundo (DELEUZE, 1998, p. 81).

Neste aspecto, Deleuze aponta para o crescimento do ser humano, no sentido de que os acontecimentos possam torná-lo maior do que era antes, pois ao perder sua identidade, o ser humano se abre para um novo olhar sobre si e sobre tudo que o cerca. Assim nada estará cerceado apenas por um sentido, sendo este um fator relevante para que o ser compreenda as coisas por meio do não-senso, quebrando a corrente de submissão.

Podemos relacionar essas considerações à forma pela qual o *Correio Feminino* sugere que as mulheres que entram em contato com a escrita de Lispector também perdem sua identidade. Nas crônicas a mulher encontra assuntos sobre os seus dias pacatos ao mesmo tempo em que consegue refletir sobre como viver nos tempos que correm. Já não vive com o bom senso que diz respeito a um “senso único, exprime a existência de uma ordem de acordo com a qual é preciso escolher uma direção e se fixar a ela” (DELEUZE, 1998, p.78). As crônicas clariceanas fazem com que a mulher perca sua identidade, aquela em que os ditames e normas sociais estabeleceram como algo calcado no bom senso. Lispector, em suas crônicas, aponta que a identidade pode se dar não pela via de uma única direção, pois a mulher moderna não se fixa em apenas um papel.

Diante do percurso empreendido, percebemos que Lispector pensa a mulher dentro de uma sociedade multifacetada, em que o ser feminino adquire vários papéis na sociedade. De forma que é preciso perder a identidade para se inserir no mundo moderno e que esta seja fruto do esclarecimento de tudo o que norteia o ser humano. Assim, no intuito de alcançar este objetivo, Lispector constrói todo um imaginário de mulher para conseguir manter um diálogo simples e descomplicado com as supostas leitoras.

Considerações Finais

Ao empreendermos o percurso de estudo referente às crônicas de *Correio Feminino*, pudemos compreender a transição da mulher de um estado de submissão para o de esclarecida, tanto de si quanto das coisas que a rodeia. As crônicas são de crucial importância para entendermos as mudanças sociais ocorridas quanto ao lugar da mulher na sociedade, visto que a narradora se posiciona de formas distintas na tentativa de abarcar diferentes perfis femininos. Temos uma narradora que se pauta na ambiguidade justamente por pensar a mulher também circunscrita na multiplicidade de papéis adotados por ela na sociedade. Assim, a literatura não se fixa num lugar estável, ela acompanha as transformações da mulher.

Nesse sentido, a literatura abre espaço para que esse novo ser feminino possa dialogar com a narradora e se posicionar diante daquilo que se propôs à ler. Sob a temática de futilidades, a narradora de *Correio Feminino* alavancou a transição do ser feminino, fazendo com que a leitora soubesse lidar com a vida moderna de forma mais madura e ponderada. O temário relacionado às futilidades funcionou como uma forma de levar a leitora a alcançar a liberdade, ultrapassando o contexto de acontecimentos corriqueiros e se inserindo no mundo moderno. Em outras palavras, este foi o modo pelo qual a mulher conseguiu compreender e superar as coisas consideradas pequenas, para, então, se tornar grandiosa, saber ser mulher e feminina num mundo permeado pelo lugar comum.

As crônicas conferem à mulher a possibilidade de se encontrar consigo mesma, visto a ocorrência de um “movimento de um tropismo interior em busca das origens, necessário para a auto-reconstrução do homem, desde seus alicerces” (ARÊAS, 2005, p. 47). A mulher aprende a lidar com os acontecimentos na sociedade moderna, se sobressaindo em diversas situações que se fazem presentes em seu dia a dia: “basta você aprender alguma coisa nova e vem logo uma oportunidade que faz você se perguntar surpreendida: como é que eu me sairia desta, se não tivesse aprendido o que aprendi?” (LISPECTOR, 2006, p. 21).

Neste sentido, o espaço literário das crônicas funciona como um manual de orientação, cujo objetivo é moldar o comportamento da mulher. Em face disso, podemos considerar que é na experiência interior do ser feminino que estão centradas as crônicas de Lispector, fazendo a mulher renunciar a si mesma para se reconhecer numa identidade moderna. Por este viés, a narradora traça um itinerário para alcançar mudanças no comportamento da mulher, ao pontuar um paralelo entre as coisas fúteis, de um lado, e as questões inerentes à mulher moderna, de outro lado. Sendo que compreender as futilidades significa fazer uma travessia rumo à modernidade.

As crônicas buscam transformar a mulher, no instante em que propicia uma passagem do lugar comum para o moderno, onde “o sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida...” (BENJAMIN, 1994, p. 212). O que ocorre quando este desmistifica seu Eu e se vê de forma despida dos entraves normativos que regem o comportamento do ser humano.

Assim, as crônicas de Lispector apontam para uma mulher que busca se conhecer e se elevar de uma posição para outra, isto é, crescer enquanto um ser humano que sabe dominar suas emoções e, acima de tudo, o mundo circundante. Nesse sentido, *Correio Feminino* desenha o perfil de mulher que deixa de ser submissa para tornar-se atuante na sociedade, de modo a congregar todas as funções que é capaz de desempenhar no universo moderno. Isso porque a mulher, ao se emancipar, começou a transitar por vários papéis, uma vez que esta é mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora profissional, enfim. As crônicas, a partir de uma linguagem simples e descomplicada fez uma mediação entre a mulher e a forma como esta deveria lidar com as ocupações da vida moderna. Com isso, consideramos no *Correio Feminino* uma narradora que desloca quanto à forma de figurar a mulher dentro da sociedade brasileira. Portanto, a narradora evolui e busca uma nova forma para abordar a mulher, justamente por pensá-la dentro das constantes mudanças que ocorrem com o passar dos tempos.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. Ulisses ou Mito e Esclarecimento. In: _____. *Dialética do Esclarecimento - fragmentos filosóficos*. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985. Excursus I, p. 53-80.

_____. Aspectos filosóficos do virtual. Disponível em: <http://seletynof.wordpress.com/2008/07/13/aspectos-filosoficos-do-virtual> Acesso 18 de novembro de 2011

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. O sexo dos Clowns. *Tripod*. Disponível em: <http://members.tripod.com/~lfilipe/Vilma3.html> Acesso em: 21 de maio de 2007.

ARRIGUCCI JR, Davi. *Enigma e Comentário, ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTIAGO, Silviano. *O narrador pós-moderno*. In: *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

BLANCHOT, Maurice. A Literatura e a Experiência Original. In, *O Espaço Literário*; tradução de Álvaro Cabral. - Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1968 (pp. 123 – 131)

LISPECTOR, Clarice. *Correio Feminino*. Ed. Rocco, 2006.

COUTO, Caroline Peres e PECNI, Arthur Custódio. A “mulher moderna em busca de sua “essência””: análise das técnicas e ensinamentos sobre corpo e emoção nas colunas de jornais escritas por Clarice Lispector: Revista eletrônica Habitus: disponível em: WWW.habitus.ifcs.ufrrj.br acesso em: 07 outubro, 2011.

NUNES, Benedito. *O drama da linguagem*. Uma leitura de Clarice Lispector. 2.ed. São Paulo: Ática, 1995.

RAMOS, Júlio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*/Júlio Ramos; tradução Rômulo Monte alto – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. *Mais perto de um coração selvagem*. São Paulo: Editora Segmento, n.19, ano II, p. 41-48, 2007.

SCHWARZ, Roberto. Perto do Coração Selvagem. In: _____. *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.

SOUZA, Ronaldo de Melo e. A poética dionisíaca de Clarice Lispector. In: *Revista Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, 130/131: 123/144, jul.-dez., 1997.

SÜSSEKIND, Flora. "O escritor como genealogista: a função da literatura e a língua literária no romantismo brasileiro". In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura, cultura*. Campinas, SP: Unicamp, 1993. V. 2.

WALDMAN, BERTA. *Clarice Lispector: a paixão segundo C. L.* 2. ed. São Paulo: Editora Escuta, 1992.